



Viagens à volta do quarto: Pessoa, Pascal e Xavier de Maistre

Voyages around the room: Pessoa, Pascal and Xavier de Maistre

Nuno Ribeiro¹

Resumo: O presente artigo visa compreender o desenvolvimento da noção de viagem à volta do quarto tendo por base um confronto entre os *Pensamentos* de Pascal, *Viagem à volta do meu quarto* de Xavier de Maistre e os escritos de Fernando Pessoa, com particular destaque para o *Livro do Desassossego*.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Pascal; Xavier de Maistre; Viagem; Quarto.

Abstract: This article aims to understand the development of the notion of voyage around the room based on a confrontation between Pascal's *Thoughts*, Xavier de Maistre's *Voyage around my room* and the writings of Fernando Pessoa, with particular emphasis on the *Book of Disquiet*.

Keywords: Fernando Pessoa; Pascal; Xavier de Maistre; Voyage; Room.

As obras de Pascal e de Xavier de Maistre apresentam inúmeros elementos que nos permitem compreender o desenvolvimento da noção de viagem à volta do quarto nos escritos de Fernando Pessoa, em particular no *Livro do Desassossego*. A importância dos pensamentos pascaliano e de Xavier de Maistre na obra do poeta e pensador português constata-se, desde logo, na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa. No que respeita a Pascal encontramos na Biblioteca Particular pessoana um exemplar do livro *Pensamentos [Pensées]* (CFP, 1-116)² em francês, de 1905, numa edição da Flammarion, que apresenta inúmeros vestígios de leitura por parte de Pessoa e que tem por base a edição de 1670 de Port-Royal. Para além dos *Pensamentos*, encontramos também entre o acervo bibliográfico do autor português um exemplar de *As Provinciais [Les provinciales]* (CFP, 1-117) em francês, de 1907, editado pela Flammarion, no qual é igualmente possível encontrar indícios de leitura. De Xavier de Maistre encontramos, de igual modo, na Biblioteca pessoana dois livros com obras deste autor: 1) um volume com a data de publicação de 1903 (CFP, 8-335), que apresenta múltiplos vestígios e marcas de leitura e contém as seguintes obras: *Viagem à volta do meu quarto [Voyage autour de ma chambre]*, *Expedição nocturna à volta do meu quarto [Expédition nocturne autour de ma chambre]* e *O leproso da cidade de Aosta [Le lépreux de la cité d'Aoste]*; 2) um volume intitulado *Oeuvres de Xavier de Maistre* (CFP, 8-336), que contém também marcas de leitura e apresenta, para além dos três títulos mencionados, os seguintes textos: *Os prisioneiros do Cáucaso [Les prisonniers du Caucase]*, *A jovem siberiana [La jeune sibérienne]* e *Poesias diversas [Poésies diverses]*. No entanto, para se compreender a repercussão das leituras que Pessoa fez de Pascal e de Xavier de Maistre no desenvolvimento da noção de viagem à volta do quarto na obra do poeta e pensador português, é necessário ter em consideração os indícios a esse respeito presentes ao longo do pensamento pascaliano e de De Maistre.

¹ Pós-doutorando do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com uma bolsa financiada pela FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/121514/2016), ao abrigo do programa do FSE. E-mail: nuno.f.ribeiro@sapo.pt

² A sigla "CFP" corresponde à indicação "Casa Fernando Pessoa" onde atualmente se encontra a biblioteca particular de Pessoa. A numeração – após a sigla "CFP" – corresponde ao número de catalogação do livro presente na biblioteca particular de Pessoa.

Com efeito, logo no início de um fragmento precedido pelo título «Divertimento» (Laf. 136/ Br. 139) dos *Pensamentos* de Pascal lemos a seguinte consideração:

Divertimento

Quando às vezes me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos, e a penas a que se expõem na Corte, na guerra de onde nascem tantas desavenças, paixões, acções ousadas e muitas vezes maldosas etc., repeti com frequência que toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto. (PASCAL, 2005, p. 50)

De acordo com este trecho pascaliano, a infelicidade dos homens provém da sua incapacidade de ficarem quietos num quarto. Esta afirmação pascaliana deve ser compreendida no quadro da oposição que este pensador estabelece entre «repouso» e «divertimento». Num fragmento antecedido pelo título «Tédio» (Laf. 622/ Br. 131), lemos uma importante indicação a este respeito:

Tédio.

Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação.

Ele sente todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio.

Imediatamente nascerão do fundo da sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a mágoa, o despeito, o desespero. (PASCAL, 2005, p. 268)

Segundo Pascal, a busca do divertimento constitui-se como uma fuga ao tédio proveniente do estágio de repouso e aos subseqüentes sentimentos de nada, abandono, insuficiência, dependência, impotência e vazio, assim como ao negrume, tristeza, mágoa, despeito e desespero que o filósofo francês associa à noção de tédio. A busca do divertimento configura-se, dessa forma, como a procura de um alívio para o sentimento de tédio que se sente em estado de repouso. Lemos a esse respeito o seguinte trecho que aparece na continuação do fragmento acima referido com o título «Divertimento»:

O homem, por mais cheio de tristeza que esteja, se se puder convencê-lo a entrar em alguma diversão, ei-lo feliz durante esse tempo; e o homem, por mais feliz que seja, se não for divertido e ocupado com alguma paixão ou distração que impeça o tédio de se expandir, logo estará acabrunhado e infeliz. (PASCAL, 2005, p. 55)

Assim, o divertimento constitui-se como uma tentativa de fuga ao sentimento de miséria proveniente do tédio que tende a atingir o homem quando se encontra em estado de repouso, conforme se pode ler no seguinte fragmento (Laf. 414/ Br. 171):

Miséria.

A única coisa que nos consola das nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior das nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte. (PASCAL, 2005, p. 157)

Contudo, se é um facto que os *Pensamentos* de Pascal nos apresentam elementos importantes para a compreensão da noção da incapacidade de estar quieto no quarto, a noção de viagem no quarto viria a ganhar um pleno alcance na obra de Xavier de Maistre, com destaque para o texto *Viagem à volta do meu quarto*. A relação entre a afirmação pascaliana de que a infelicidade dos homens provém de *não conseguirem ficar quietos num quarto* e a obra de Xavier de Maistre é assinalada por Pedro Mexia num texto introdutório à publicação conjunta em tradução portuguesa de dois textos de De

Maistre: *Viagem à volta do meu quarto* seguido de *Expedição nocturna à volta do meu quarto*. Diz-nos Mexia a respeito destes dois textos:

O que é inegável é que os dois escritos de De Maistre parecem dialogar com a famosa sentença de Pascal, que diz que toda a infelicidade dos homens resulta de não ficarmos quietos no nosso quarto. Só que um quarto não é um quarto, Turim não é Turim, a noite não é a noite. As viagens de Xavier de Maistre, como lembrou o seu irmão [Joseph de Maistre], são circum-navegações, mas mais sérias e consequentes do que possam parecer àqueles que se detenham no paradoxo cómico da viagem imóvel. (MEXIA, 2015, pp. 10-11)

No entanto, para se compreender o desenvolvimento da noção de viagem em torno do quarto na obra de Xavier de Maistre, é necessário ter em consideração o texto de *Viagem à volta do meu quarto*, que se constitui como a obra inaugural desse autor a respeito dessa temática.

O texto de *Viagem à volta do meu quarto* encontra-se dividido em quarenta e dois capítulos, que retractam uma viagem de quarenta e dois dias que o autor dessa obra realizou à volta do quarto, como resultado do confinamento domiciliário na sequência do envolvimento num duelo. Logo no seguimento nas primeiras linhas do Capítulo I desse livro lemos:

Comecei e terminei uma viagem de quarenta e dois dias à volta do meu quarto. As observações interessantes que fiz, e o prazer contínuo que experimentei ao longo do caminho, levaram-me a desejar torná-la pública; a certeza de ser útil fez com que tomasse esta decisão. O meu coração sente um contentamento inexprimível quando penso no número infinito de infelizes a quem ofereço um meio seguro contra o tédio e um alívio dos males que padecem. (MAISTRE, 2015, p. 15)

Um aspecto interessante a destacar neste trecho corresponde à tematização da noção de tédio. De acordo com o Capítulo I de *Viagem à volta do meu quarto*, o relato que o autor oferece da viagem no quarto proporciona um meio seguro contra o tédio, o que parece apontar para uma diferença relativamente ao pensamento pascaliano. Enquanto que, para Pascal, ficar no quarto em repouso se constitui como uma fonte de tédio, para Xavier de Maistre ficar confinado num quarto constitui-se como fonte de divertimento, podendo, dessa forma, configurar-se como um modo de combater o tédio. Encontramos um exemplo disso no Capítulo IV de *Viagem à volta do meu quarto*, onde lemos:

Um bom lume, livros, penas, quantos recursos contra o tédio! E que prazer é também esquecer os livros e as penas para atizar o lume, entregando-nos a uma doce meditação ou compondo uma rima para divertir amigos! As horas deslizam sobre nós e caem em silêncio na eternidade sem nos fazerem sentir a sua triste passagem. (MAISTRE, 2015, p. 22)

Porém, para se compreender de que forma o confinamento num quarto se constitui como fonte de divertimento, é necessário ter em consideração a caracterização que Xavier de Maistre apresenta da natureza humana enquanto uma natureza dupla no Capítulo VI de *Viagem à volta do meu quarto*. De acordo com este capítulo, o «homem é duplo» (MAISTRE, 2015, p. 25), correspondendo essa duplicidade do homem àquilo que Xavier de Maistre denomina de «sistema da *alma e do animal*» (MAISTRE, 2015, p. 25). A distinção entre alma e animal apresentada no Capítulo VI de *Viagem à volta do meu quarto* não deve ser confundida com a distinção moderna entre corpo e alma. Com efeito, num texto de David McCullum intitulado «Xavier de Maistre and Angelology» lemos a esse respeito:

É importante estabelecer aqui que esse sistema de ‘alma-animal’ não é uma reapropriação do dualismo clássico cartesiano ou pascaliano de espírito e matéria, da alma imaterial e do corpo material. Na *Viagem à volta do meu quarto*, a ‘alma’ do narrador e o seu animal são ambas formas

de espírito, de inteligência. Existe uma distinção de qualidade, não de natureza. Esquemáticamente, a 'alma é caracterizada pelas suas aspirações celestiais, pelas suas associações com a pura luz e o ar rarefeito. [...] A sua 'bête' ou animal, por outro lado, é terrena e sensual. É identificada com os baixos impulso animais, com o que Florence Lotterie chama de 'automatismos que regem a vida quotidiana' (*Voyage*, 32).

[It is important here to establish that this system of 'âme-bête' is not a banal reprise of the classical Cartesian or Pascalian dualism of mind and matter, of immaterial soul and material body. In the *Voyage autour de ma chambre*, the narrator's 'âme' and his 'bête' are both forms of spirit, of intelligence. There is a distinction of quality, not of nature. Schematically, the 'âme' is characterized by its celestial aspirations, by its associations with pure light and rarified air. [...] His 'bête' or beast, on the other hand is earthly and sensual. It is identified with lower, animal impulses, with what Florence Lotterie calls the 'automatismes qui régissent les gestes de la vie quotidienne' (*Voyage*, 32).] (MCCULLUM, 2012, p. 40)

Tendo em conta todas estas considerações, viajar à volta do quarto, isto é, ser capaz de produzir divertimento no confinamento do quarto, significa libertar a «alma» dos automatismos que prendem o «animal» à vida quotidiana, fazendo com que a alma se possa elevar acima da quotidianidade, ao mesmo tempo que o animal caminha autonomamente no campo das solicitações que o ocupam. Lemos a esse respeito a seguinte passagem do Capítulo VI de *Viagem à volta do meu quarto*:

A grande arte de um homem de génio é saber educar bem o animal para que possa caminhar sozinho, enquanto a alma, liberta dessa penosa convivência, poderá elevar-se ao céu. (MAISTRE, 2015, p. 26)

Todos os elementos que temos vindo a delinear apresentam-nos dados importantes para a compreensão do desenvolvimento da noção de viagem à volta do quarto na obra de Fernando Pessoa, mais especificamente no projecto do *Livro do Desassossego*, onde encontramos vários fragmentos com menção à imagem do quarto. Antes de tudo, é necessário que o leitor saiba que o *Livro do Desassossego* corresponde a um projecto que passou por três fases correspondentes a três assinaturas e, por conseguinte, três autorias diferentes³: 1) numa primeira fase, Fernando Pessoa assume a autoria desse livro aproximadamente entre 1913 e 1914, tendo publicado, em Agosto 1913 na revista *A Águia*, o trecho «Na Floresta do Alheamento», assinado com o seu próprio nome e com a indicação «Do “Livro do Desassossego” em preparação» (PESSOA, 1913, p. 42); 2) numa segunda fase, Vicente Guedes assume a autoria do *Livro* entre 1915 e 1920, deixando inúmeros fragmentos com o seu nome destinados a esse projecto, que se encontram presentes no espólio pessoano; 3) na terceira fase, Bernardo Soares, após um período de silêncio quanto ao *Livro do Desassossego*, assume em 1929 a autoria desse projecto, publicando entre 1929 e 1932 uma série de fragmentos com a indicação de serem *compostos por Bernardo Soares* e com a assinatura de *Fernando Pessoa* do final das publicações.

Um aspecto relevante para a temática do presente texto corresponde à circunstância de a imagem do quarto aparecer como um elemento central e recorrente ao longo das três fases do *Livro do Desassossego*. Assim, no texto intitulado «Na Floresta do Alheamento», correspondente a um trecho da primeira fase do *Livro do Desassossego* e ao primeiro texto destinado a essa obra publicado por Pessoa em vida, encontramos, desde logo, três passagens em que existe referência à imagem do quarto:

³ Para um aprofundamento desta temática consultem-se as seguintes referências bibliográficas: RIBEIRO, 2013; RIBEIRO, 2016.

Outras vezes este quarto estreito é apenas uma cinza de bruma no horizonte d'essa terra diversa... E há momentos em que o chão que alli pisamos é esta alcova visível... (PESSOA, 2010, p. 43)⁴

O ar do nosso quarto neutro é pesado como um reposteiro. A nossa atenção somnolenta ao misterio de tudo isto é molle como uma cauda de vestido arrastado n'um cerimonial no crepusculo. (PESSOA, 2010, p. 45)

Raiam na minha atenção vagos ruidos, nitidos e dispersos, que enchem de ser já dia a minha consciencia do nosso quarto... Nosso quarto? Nosso de que dois, se eu estou sósinho? Não sei. Tudo se funde e só fica, fugindo, uma realidade-bruma em que a minha incerteza sossobra e o meu comprehender-me, embalado de ópios, adormece... (PESSOA, 2010, pp. 46-47)

Num fragmento do espólio de Fernando Pessoa da segunda fase do *Livro do Desassossego*, em que encontramos o nome de Vicente Guedes seguido da sua morada, lemos o seguinte trecho com referência à imagem do quarto:

As miserias de um homem que sente o tédio da vida do terraço da sua villa rica são uma cousa; são outra cousa as miserias de quem, como eu, tem que contemplar a paysagem do meu quarto num 4º andar da Baixa, e sem poder esquecer que é ajudante de guarda-livros. "Tout notaire a rêvé des sultanes"...

Tenho um prazer intimo, da ironia do ridiculo immerecido, quando, sem que alguém extranhe, declaro, nos actos officiaes, em que é preciso dizer a profissão: *empregado no commercio*. Não sei como inserto o meu nome vem assim no *Anuario Commercial*.

Epígrafe ao *Diario*:

Guedes (Vicente), emp. no comm., Rua dos Retrozeiros, 17, 4º.

ANN. COMM. de Portugal.

(PESSOA, 2010, p. 154)

Na passagem da segunda para a terceira fase do *Livro do Desassossego*, em que Bernardo Soares se torna o herdeiro do projecto, a imagem do quarto permanece, embora exista uma alteração da morada do autor do projecto, conforme nos esclarecem Fernando Cabral Martins e Richard Zenith em *Teoria da Heteronímia*:

Com a autoria do *Livro do Desassossego*, Vicente Guedes ganhou alguma definição biográfica. Solitário desde a infância, nunca teve amantes nem amigos. Ajudante de guarda-livros, residia na Baixa lisboeta, num quarto andar da Rua dos Retrozeiros. Bernardo Soares (ver), ao herdar a autoria do *Livro*, em 1929, herda a biografia de Guedes, mas mora numa rua diferente. (PESSOA, 2012, p. 75)

A nova morada de Bernardo Soares, enquanto autor do *Livro do Desassossego*, passa a ser a Rua dos Douradores. Encontramos, desse modo, inúmeros trechos destinados ao *Livro do Desassossego* em que se faz menção ao quarto de Bernardo Soares situado na Rua dos Douradores, tal como se pode verificar nos seguintes trechos:

O Ganges passa tambem pela Rua dos Douradores. Todas as epocas estão neste quarto estreito – a mistura

a successão multicolor das maneiras,

as distancias dos povos,

e a vasta variedade das nações. (PESSOA, 2010, p. 188)

Escrevo, triste, no meu quarto quieto, sósinho como sempre tenho sido, sósinho como sempre serei.

[...] Vejo-me no quarto andar alto da Rua dos Douradores, sinto-me com somno; olho, sobre o papel meio escripto, a minha mão sem belleza e o cigarro barato que a esquerda estende sobre o mata-

⁴ Conforme à ortografia original. No caso das citações de edições críticas de Fernando Pessoa mantemos a ortografia original do autor português, assim como as diferenças de acentuação das palavras.

borrão gasto. Aqui eu, neste quarto andar, a interpelar a vida! a dizer o que as almas sentem! a fazer prosa como os genios e os celebres! Aqui, eu, assim!... (PESSOA, 2010, p. 194)

Mas vejo-me celebre como guarda-livros. Sinto-me alçado aos thronos do ser conhecido? Mas o caso passa-se no escriptorio da Rua dos Douradores e os rapazes são um obstaculo. Ouço-me applaudido por multidões variegadas? O applauso chega ao quarto andar onde moro e collide com a mobilia tosca do meu quarto barato, com o reles que me rodeia, e me amesquinha desde a cosinha ao sonho. (PESSOA, 2010, pp. 197-198)

Sim, vejo nitidamente, com a clareza com [que] os relampagos da razão destacam do negrume da vida os objectos proximos que nol-a formam, o que ha de vil, de lasso, de deixado e facticio, nesta Rua dos Douradores que me é a vida inteira – este escriptorio sordido até á sua medulla de gente, este quarto mensalmente alugado onde nada acontece senão viver um morto, esta mercearia da esquina cujo dono conheço como gente conhece gente, estes moços da porta da taberna antiga, esta inutilidade trabalhosa de todos os dias iguaes, esta repetição pegada das mesmas personagens, como um drama que consiste apenas no scenario, e o scenario estivesse ás avessas... (PESSOA, 2010, p. 210)

Vi o espelho do meu quarto, o meu pobre rosto de mendigo sem pobreza; e de repente o espelho separou-se e o espectro da Rua dos Douradores abriu-se deante de mim como um nirvana do carteiro. (PESSOA, 2010, p. 284)

A imagem do quarto viria, dessa forma, a constituir-se – a par de outros locais, como é o caso do escritório do patrão Vasques – enquanto local propiciador de viagens imóveis no âmbito do projecto do *Livro do Desassossego*. Com efeito, ao longo dos diversos fragmentos destinados ao *Livro do Desassossego* encontramos múltiplos trechos que nos possibilitam compreender a ideia de viagem imóvel, isto é, uma viagem que não implica um deslocamento exterior de um ponto para outro ponto. A ideia de viagem sem deslocamento exterior encontra-se presente desde logo no título de alguns dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, como é o caso de um fragmento antecedido pelo título «*Viagem nunca feita*», em cujo início lemos: «Foi por um crepusculo de vago outomno que eu parti para essa viagem que nunca fiz.» (PESSOA, 2010, p. 32) Noutro fragmento com o título «*A Viagem na Cabeça*» lemos também:

Do meu quarto andar sobre o infinito, no plausivel intimo da tarde que acontece, á janella para o começo das estrellas, meus sonhos vão, por accordo de rythmo com a distancia exposta para as viagens aos paizes incognitos, ou suppostos, ou sòmente impossiveis. (PESSOA, 2010, p. 188)

Nos fragmentos do *Livro do Desassossego* a ideia de uma viagem imóvel encontra-se também associada a uma forma de «divertimento» enquanto um movimento de fuga ao tédio. No entanto, a tematização da fuga ao tédio no projecto do *Livro do Desassossego* – desenvolvida nos fragmentos relativos à viagem – apresenta uma diferença em relação a Pascal e Xaxier de Maistre. Enquanto para Pascal ficar num quarto em repouso sem divertimento é fonte de tédio e para Xavier de Maistre é possível encontrar divertimento tanto à volta de um quarto quanto fora dele, os fragmentos do *Livro do Desassossego* apresentam-nos, em contrapartida, uma imagem da viagem exterior, isto é, a viagem que implica um deslocamento de um ponto para o outro, enquanto fonte de tédio. Lemos explicitamente isso no seguinte fragmento destinado ao projecto do *Livro do Desassossego*:

A ideia de viajar nauseia-me.

Já vi tudo que nunca tinha visto.

Já vi tudo que ainda não vi.

O tedio do constantemente novo, o tedio de descobrir, sob a transitoria diferença das coisas e das idéas, a perenne identidade de tudo, a semilhança absoluta entre a mesquita, o templo e a egreja, a igualdade da cabana e do castello, o mesmo corpo estrutural a ser rei vestido e selvagem nu, a

eterna concordância da vida consigo mesma, a estagnação de tudo que vive na mudança a que está condenado.

Paisagens são repetições. Numa simples viagem de comboio divido-me inutil e angustiadamente entre a inatensão á paisagem e a inatensão ao livro que me entreteria se eu fosse outro. Tenho da vida uma nausea vaga, e o movimento accentua-ma.

Só não ha tédio nas paysagens que não existem, nos livros que nunca lerei. A vida, para mim, é uma somnolencia que não chega ao cerebro. Esse conservo eu livre para que nele possa ser triste. (PESSOA, 2010, p. 369)

De acordo com este fragmento, sob a aparente transitoriedade de tudo o que vemos esconde-se a identidade de todas as coisas e o subsequente tédio do constantemente novo. Esta asserção encontra-se alicerçada na afirmação que viria a encontrar expressão num poema de Álvaro de Campos em cujo primeiro verso se lê: «Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir». (PESSOA, 2014, p. 164) Com efeito, lemos, nesse sentido, o seguinte trecho de um fragmento do *Livro do Desassossego*:

Compreendo que viaje quem é incapaz de sentir. Porisso são tam pobres sempre como livros de experiencia os livros de viagens, valendo sómente pela imaginação de quem os escreve. E se quem os escreve tem imaginação, tanto nos pode encantar com a descrição minuciosa, photographica a estandartes, de paisagens que imaginou, como com a descrição, forçosamente menos minuciosa, das paisagens que suppoz ver. (PESSOA, 2010, p. 298)

Assim, no *Livro do Desassossego* encontramos uma fuga ao tédio, não pela busca do constantemente novo do ponto de vista das viagens exteriores, mas antes pelo sentir tudo o que se nos dá a ver como se fossemos outros, isto é, «outrando-nos pela imaginação» (PESSOA, 2010, p. 297). Lemos, nesse sentido, o seguinte trecho:

Que é viajar, e para que serve viajar? Qualquer poente é o poente; não é mister ir vel-o a Constantinopla. A sensação de libertação, que nasce das viagens? Posso tel-a saindo de Lisboa até Benfica, e tel-a mais intensamente do que quem vá de Lisboa á China, porque se a libertação não está em mim, não está, para mim, em parte alguma. “Qualquer estrada”, disse Carlyle, “até esta estrada de Entepfuhl, te leva até ao fim do mundo.” Mas a estrada de Entepfuhl, se fôr seguida toda, e até ao fim, volta a Entepfuhl; de modo que o Entepfuhl, onde já estávamos, é aquelle mesmo fim do mundo que iamos a buscar.

Condillac começa o seu livro celebre, “Por mais alto que subamos e mais baixo que desçamos, nunca sahimos das nossas sensações”. Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos. As verdadeiras paisagens são as que nós mesmos creamos, porque assim, sendo deuses d’ellas, as vemos como ellas verdadeiramente são, que é como foram creadas. Não é nenhuma das septe partidas do mundo aquella que me interessa e posso verdadeiramente vêr; a oitava partida é a que percorro e é minha. (PESSOA, 2010, p. 297)

Todos os elementos que temos vindo a apresentar permitem-nos compreender a repercussão das leituras de Pascal e de Xavier de Maistre na construção pessoana dos trechos destinados ao *Livro do Desassossego*, ao mesmo tempo que nos possibilitam acompanhar as progressivas transformações dos conceitos associados à temática da viagem em torno do quarto nas obras dos três autores que se configuram como objecto de análise do presente texto.

Bibliografia

MAISTRE, Xavier de. **Œuvres de Xavier de Maistre**. Préface de Jules Claretie. Paris: Ernest Flammarion: s. d. (CFP, 8-336)

MAISTRE, Xavier de. **Viagem à volta do meu quarto seguido de Expedição Nocturna à volta do meu quarto**. Tradução de Carlos Sousa Almeida. Lisboa: Tinta-da-China, 2015.

- MAISTRE, Xavier de. **Voyage autour de ma chambre; Expédition nocturne autour de ma chambre; Le lépreux de la cité d'Aoste**. Paris: Librairie de la Bibliothèque Nationale, 1903. (CFP, 8-335)
- MCCULLUM, David (2012). Xavier de Maistre and Angelology. In: OERGEL, Maike (ed.). **(Re-)Writing the Radical. Enlightenment, Revolution and Cultural Transfer in 1790s Germany, Britain and France**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012. p. 239-250.
- MEXIA, Pedro. Circum-Navegação. In: MAISTRE, Xavier de. **Viagem à volta do meu quarto seguido de Expedição Nocturna à volta do meu quarto**. Tradução de Carlos Sousa Almeida. Lisboa: Tinta-da-China, 2015. p. 7-11.
- PASCAL, Blaise. **Les provinciales**. Paris: Ernest Flammarion, 1907. [CFP, 1-117]
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- PASCAL, Blaise. **Pensées**. Paris: Ernest Flammarion, 1905. [CFP, 1-116]
- PESSOA, Fernando. Na Floresta do Alheamento. In: **A Águia**, 2ª série, nº 20, 1913. p. 38-42.
- PESSOA, Fernando. **Livro do Desasocego**, Tomo I e II. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- PESSOA, Fernando. **Teoria da Heteronímia**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.
- PESSOA, Fernando. **Obra Completa de Álvaro de Campos**. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.
- RIBEIRO, Nuno. Poéticas do Inacabado – Pessoa, Wittgenstein e o Livro por Vir. In: OLIVA, O. P. (Org.). **Literatura, Vazio e Danação**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2013. p. 223-241.
- RIBEIRO, Nuno. Wittgenstein and Pessoa: The Archive as "Open Work" in Eco's Perspective. In: ARANCIBIA, Pamela; BERTOLIO, J. L.; GRANATA, Joanne; LICATA, Giovanna; PAPAGNI, Erika; UGOLINI, Matteo. **Philological concerns: textual criticism throughout the centuries**. Firenze: Franco Cesati Editore, 2016. p. 207-221.